



ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS



***AS MAÇÔNICAS
REVOLUÇÕES
SEPARATISTAS***

Márson Al quAti

© 2019 by Márson Alquati.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Autorizo a reprodução e divulgação total e/ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

G002c3

Alquati, Márson, 1972 –

As Maçônicas Revoluções Separatistas. Márson Alquati – 2019. – Nova Roma do Sul, RS – Entre Colunas: Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas: História da Maçonaria/A Maçônica História do Brasil.

15 páginas.

1. Maçonaria. 2. História do Brasil. 3. Sociedades Secretas. 4. Revoluções Separatistas.

G002c3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Como citar este documento:

ALQUATI, Márson. *As Maçônicas Revoluções Separatistas*. In: História da Maçonaria: A Maçônica História do Brasil. Nova Roma do Sul, RS: Entre Colunas Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas, 2019. Disponível em: <https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>. Acessado em: __/__/____.

Acesse outros trabalhos do autor:

<https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>

SUMÁRIO

I – AS MAÇÔNICAS REVOLUÇÕES SEPARATISTAS	04
II – UMA BREVE INTRODUÇÃO ÀS REVOLUÇÕES SEPARATIS- TAS DO PERÍODO PRÉ-INDEPENDÊNCIA	05
a. A Inconfidência Mineira (1789-1792)	07
b. A Conjuração Baiana (1798)	11
c. A Revolução Pernambucana (1817)	13
VIII – BIBLIOGRAFIA.....	15



ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS



AS MAÇÔNICAS REVOLUÇÕES SEPARATISTAS

Infeliz é o povo que precisa de heróis.

Mais infeliz é o povo que esquece os seus heróis.

[Brecht].

UMA BREVE INTRODUÇÃO ÀS REVOLUÇÕES SEPARATISTAS DO PERÍODO PRÉ-INDEPENDÊNCIA

(DE INSPIRAÇÃO OU COM PARTICIPAÇÃO MAÇÔNICA)

A Historiografia tem buscado identificar a Maçonaria, a partir da segunda metade do século XVIII, como o embrião de um “reino da crítica”, ou de um espaço público moderno, que teria viabilizado as primeiras discussões da sociedade civil, conduzidas de forma independente do círculo privado de poder constituído pela Corte¹.

De acordo com determinados autores, remontam a esse período os primeiros registros do surgimento, em Salvador, em Minas Gerais, em Pernambuco e no Rio de Janeiro, de alguns grupos de maçons esparsos, cujas influências, como já vimos anteriormente, tendiam para uma espécie de liberalismo radical, com tendências republicanas.

Os portadores das novas ideias vinham de todas as partes do mundo, principalmente da Europa, onde centenas de brasileiros estudavam e se formavam, em especial, nas Universidades de Coimbra (Portugal) e de Montpellier (França), ali sendo “Iniciados” e recebendo inspiração da Maçonaria e do Iluminismo².

A atuação da Maçonaria era considerada forte, pois agia objetivamente e de forma reservada. Sempre foi assim nos momentos onde a mesma teve necessidade de intervir, quer através da Instituição, quer através de seus membros.

Tanto isso é verdade que, na história da política brasileira, vários autores consagrados defendem a ideia de que a Maçonaria, senão como Instituição, mas

¹ NEVES (2008, p.506).

² FAGUNDES (1975, p. 73-74).

AS MAÇÔNICAS REVOLUÇÕES SEPARATISTAS

através de seus membros, teve uma relevante participação nas lutas pela emancipação política, principalmente nas que culminaram na Independência do Brasil³.

Ao observarmos as bases precursoras do processo de Independência do Brasil, todavia, notamos que os desejos pela emancipação surgiram muito antes do momento em que o Príncipe Regente, D. Pedro I, realizou a proclamação de 1822.

A história da nossa Independência está intimamente ligada com a fundação do “Grande Oriente do Brasil”, inicialmente denominado “Grande Oriente Brasileiro”, e do amor à liberdade, tão cara entre os primitivos donos da terra. É conhecido o papel que os maçons tiveram nos fatos que precipitaram a proclamação da Independência.

O que pouco se comenta é que acontecimentos que ocorreram muito antes dela, iniciando-se com a chegada da Família Real Portuguesa, no início do século XIX juntamente com a chegada de perto de 15 mil pessoas no Rio de Janeiro e a necessidade de mantê-los; a transformação do Brasil de colônia em Reino Unido a Portugal e Algarves; a volta de D. João VI à Portugal; o dia do “Fico”; a fundação do “Grande Oriente Brasileiro”, e o “Grito do Ipiranga” propriamente dito, foram tão somente respostas a uma sucessão de movimentos populares e revoltas anteriores, que expressavam o desejo de liberdade do povo brasileiro.

Deixar de divulgá-los é o mesmo que ocultar a verdade e conseqüentemente incorrer no erro da omissão, que nem a História e nem o Tempo perdoam, principalmente para com aqueles nossos irmãos maçons que acreditavam, ou ainda mais, tinham como ideário de vida a Independência da Pátria⁴; muitos dos quais pagando com as próprias vidas por simplesmente sonharem com uma Pátria livre.

O primeiro e o mais contundente desses movimentos foi a “Inconfidência Mineira”.

³ CORDEIRO (2008, p.11).

⁴ BARRETO (2015, p.6).

A INCONFIDÊNCIA MINEIRA (1789-1792)



Ao longo do século XVIII, em um contexto em que a mineração aurífera e de pedras preciosas tinha grande visibilidade econômica, os colonos se mostravam insatisfeitos com as exigências, cobranças exorbitantes de impostos e imposições legais estabelecidas pela Coroa Portuguesa. E essa insatisfação não era espontânea nem estava só, ela vinha acompanhada por uma nova base de sustentação ideológica.

Nesse sentido, os ideais do Iluminismo, referendados pela Independência dos Estados Unidos (1776) e pela Revolução Francesa (1789) e contrabandeados para a nossa terra pelos estudantes que faziam maçons na Europa, tiveram grande peso para que uma razoável parcela dos colonos brasileiros projetasse o fim do pacto colonial com a Metrópole Portuguesa.

Tomemos como ponto de partida o dia 04 de julho de 1776, data de publicação da “*Declaração de Independência*” das Treze Colônias Inglesas da América do Norte, documento redigido por Thomas Jefferson, que além de maçom, também era um dos liberais mais avançados da época. O referido documento, como já vimos anteriormente, afirmava enfaticamente: “*todos os homens nascem iguais...*”.

AS MAÇÔNICAS REVOLUÇÕES SEPARATISTAS

E então, pulemos para o dia 14 de julho de 1789, quando o povo simples de Paris, inspirado pelo que havia acontecido do outro lado do Atlântico, invadiu a Bastilha, milenar fortaleza-prisão do estado francês, dando início à Revolução Francesa. A notícia rapidamente varreu a Europa. Espalhou-se de boca em boca, em jornais, panfletos e cartazes.

O símbolo do antigo regime caíra. Todos que tomavam conhecimento do fato, mesmo que aterrorizados, pressentiam o início de novos tempos para a humanidade. Dessa forma, os homens e mulheres que fizeram a revolução de 1789, ao defenderem os princípios de “*Igualdade, Liberdade e Fraternidade*” como válidos para todos, legaram à humanidade uma divisa que estará sempre presente nas lutas contra o autoritarismo.

À sua maneira, o Brasil, como parte integrante desse universo, também foi profundamente afetado por esses acontecimentos. Com o desenvolvimento econômico e intelectual da colônia, alguns grupos passaram a pensar na Independência do Brasil, de forma que os brasileiros pudessem decidir o seu próprio destino. Ocorreram, então, a “Inconfidência Mineira” (1789), a “Conjuração Baiana” (1798) e a “Revolução Pernambucana” (1817), todas duramente reprimidas pelas autoridades portuguesas.

E em todos esses movimentos, a Maçonaria se fez presente pela conspiração dos maçons recém-chegados da Europa e outros aqui “Iniciados”; e mais tarde, através de Sociedades Secretas já existentes ou fundadas com fins especificamente políticos, camufladas sob a denominação de clubes, sociedades literárias e academias, mas de caráter comprovadamente maçônico; e então, das primeiras Lojas e Potências Maçônicas legalmente constituídas.

É fato incontestável que a instituição maçônica chegou ao Brasil, invocada pelo anseio de liberdade política do país. Desde sempre, liberdade e Maçonaria caminham lado a lado.

AS MAÇÔNICAS REVOLUÇÕES SEPARATISTAS

À guiza de conclusão, o descontentamento dos brasileiros com o domínio da Colônia pela Coroa Portuguesa ganhou força com o movimento intelectual do Iluminismo, no finalzinho do Século XVIII, que aliado aos movimentos europeus, notadamente na França e Inglaterra, cresceu de maneira a incentivar o próprio levante dos colonos norte, centro e sul-americanos contra a tirania opressora de suas metrópoles.

Todos estes movimentos, seja na Europa ou nos países das três Américas, tiveram um vetor primordial: a Maçonaria, engajada profundamente em cada um deles através da luta de seus membros pela liberdade, pela igualdade e pela fraternidade.

As ideias liberais e a propagação do conceito de democracias livres foram alguns dos frutos imediatos e diretos da cultura iluminista – que se pautou pelo domínio da razão, revisando todos os valores que até então norteavam o pensamento humano.

Esta transformação social tomou conta de toda a Europa, além de, como consequência, se propagar por todas as colônias que a maioria dos países daquele continente possuía em outras partes do mundo, aonde seus agentes exploravam os míseros habitantes, exaurindo-lhes todas as riquezas naturais e a maioria das vezes, escravizando-os física ou culturalmente. Entre os continentes explorados, encontravam-se as Américas do Norte, Central e do Sul.

E, como não poderia deixar de ser, estas ideias também chegaram ao Brasil, para se implantarem aqui, definitivamente, com muito suor e sangue, através dos jovens estudantes, filhos de brasileiros e de portugueses um pouco mais abastados, que podiam mandar seus filhos estudarem na Europa, especialmente nas faculdades de Coimbra (Portugal), de Montpellier (França) e de Londres (Inglaterra), além de outras universidades, onde essas ideias eram largamente propagadas.

AS MAÇÔNICAS REVOLUÇÕES SEPARATISTAS

Cabe salientar ainda que todas elas eram importantes redutos maçônicos, de forma que muitos desses jovens, ao retornarem para seus países de origem, voltavam como “Iniciados” nos augustos mistérios da Ordem.

E estes jovens, ao voltarem ao Brasil, não trouxeram apenas seus diplomas de curso superior, mas trouxeram também um pensamento novo, totalmente liberal, humano, racional, de valorização do ser humano em si; e essencialmente libertário com relação à condição de sua Pátria como colônia de Portugal.

Instigados por estas ideias e ainda pelos sucessos da Independência dos Estados Unidos, em 1776; e pela Revolução Francesa, em 1789, nascia no coração e na mente daqueles jovens um desejo ainda maior de liberdade deste país⁵.

No Brasil, dessa forma, já a partir de 1786, surgiram os primeiros movimentos influenciados pela bandeira da Maçonaria, principalmente a francesa, com José Álvares Maciel e outros maçons responsáveis pelo surgimento dos primórdios da Maçonaria no Brasil.

Colocando de outra forma, os jovens brasileiros que estudavam na Europa e na América do Norte, tomando contato com o ideal libertário que tinha originado a Independência dos Estados Unidos (04/07/1776) e a Revolução Francesa (14/07/1789), empolgaram-se com a perspectiva de propiciar ao Brasil a sua tão sonhada autonomia política.

Em pouco tempo, esses jovens detectaram, no embrião dos referidos movimentos, a presença silente, ativa e constante da Maçonaria, fiel à sua trilogia: “*Liberdade, Igualdade e Fraternidade*”.

Muitos deles ingressaram na Ordem e, quando retornaram, trouxeram, paulatinamente, os ideais maçônicos para o Brasil.

⁵ SPOLADORE (2015, p.19).

Conforme explica o historiador Gustavo Barroso⁶:

“Os moços brasileiros que estudavam na Europa, sobretudo nas universidades de Coimbra, Montpellier e Paris, regressavam aos seus lares cheios de entusiasmo pela grandeza da terra brasileira comparada com a exiguidade europeia, e cheios de maior entusiasmo ainda pelo exemplo norte-americano e pela figura do grande maçom Benjamim Franklin, que fora ao Velho Mundo levar o angustiante pedido de socorro dos Filhos da Viúva de sua Pátria às Lojas europeias”.

As sociedades secretas de cunho político-emancipatório foram sendo fundadas seguindo o princípio da adesão voluntária de seus membros.

Além disso, a nova sociabilidade que então se instituía podia ser considerada liberal, em primeiro lugar porque veiculava, entre outras, as ideias das Luzes e a seguir porque a sua própria existência tinha um princípio liberal.

Dentro dessa complexidade histórica, as Lojas Maçônicas (naqueles tempos iniciais, disfarçadas de clubes e academias) se constituíam em um local favorável para o exercício dessa nova forma de sociabilidade, pois protegidos pelo segredo, os maçons debatiam as ideias oriundas da Ilustração, além de possuírem um sistema próprio de votação para elegerem seus dirigentes⁷.

A CONJURAÇÃO BAIANA (1798)

As Lojas eram espaços de circulação de ideias e uma instância de aprendizagem de práticas modernas, como a escolha dos associados e o livre debate entre os seus pares.

Assim, a Maçonaria podia ser vista como uma entidade portadora de uma forma inovadora de cultura política, visto que os maçons surgiam como construtores e sujeitos de um espaço público moderno, contribuindo para a inauguração

⁶ BARROSO (1939, p.155).

⁷ GONÇALVES (2012, p.24-25).

de um novo tipo de comportamento político.

Ainda que os maçons não conspirassem diretamente contra os reis absolutistas ou contra a Igreja estabelecida, suas instituições exerciam um poder simbólico perigoso, porque no interior das Lojas, os Irmãos viviam como se o governo do Estado Nacional não existisse⁸.

Por outro lado, pensar os novos espaços públicos surgidos no século XVIII (clubes, sociedades literárias, Lojas Maçônicas), é compreender a emergência de uma nova cultura política, marcada pela progressiva politização desses espaços intelectuais e pelo deslocamento da crítica em direção a domínios tradicionalmente interditos: a Igreja e o Estado⁹.

Finalmente, ao analisarmos as várias rebeliões separatistas ocorridas no Brasil durante o período que antecedeu a nossa Independência, podemos observar que esse conjunto de fatores atuou em favor dos levantes que se seguiram, todos favoráveis à quebra do injusto pacto colonial, em que a Metrópole sugava todos os recursos possíveis da colônia e nada dava em retribuição.

No entanto, vale frisar que esses movimentos, pelo menos a maioria deles, não devem ser erroneamente julgados como eventos que primavam pela formação de uma nação autônoma, de modo que não se evidenciou, na pauta dos revoltosos, a emancipação “total” de nosso extenso território e nem o reconhecimento de uma “pátria brasileira” independente.

Assim sendo, de acordo com a afirmativa acima, podemos realizar a construção de uma outra perspectiva com relação ao significado da “Inconfidência Mineira”, por exemplo.

Ocorrida em 1789, essa conspiração antimetropolitana nunca fez menção a nenhum desejo de libertação do nosso território como um todo.

⁸ GONÇALVES (2012, p.25).

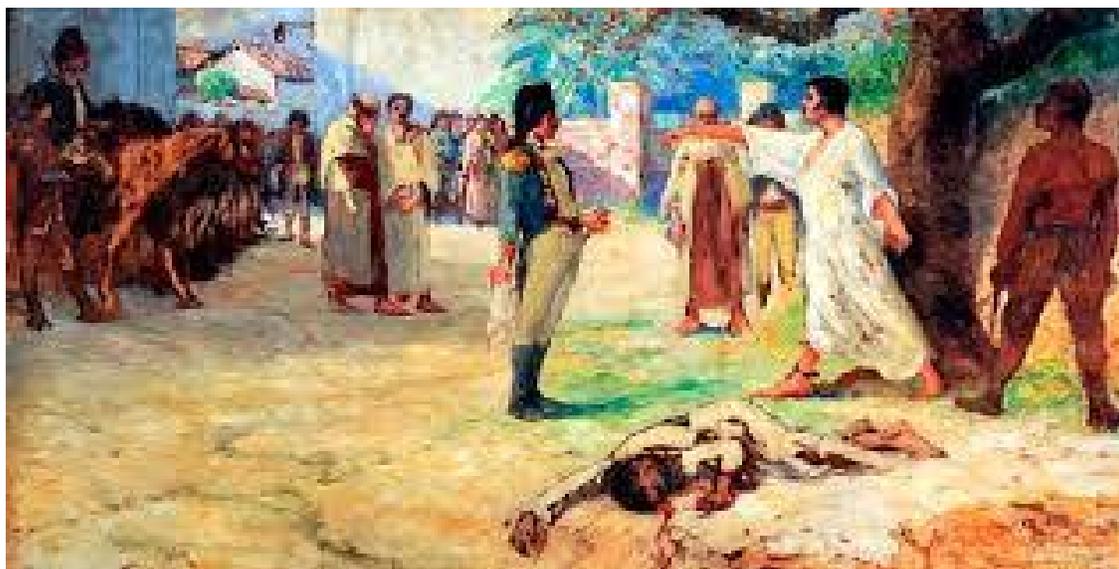
⁹ BARATA (2000, p.222).

Focando exclusivamente no desenvolvimento de uma pátria mineira, a elite envolvida com o movimento concebeu um projeto de emancipação política e econômica regional, que preservava o trabalho escravo em terras coloniais e que buscava, principalmente, maior liberdade comercial e redução de impostos.

Da mesma forma, focada em uma mera separação entre as elites e as camadas menos favorecidas, a “Conjuração Baiana” de 1798, ou “Revolta dos Alfaítes” como ficou conhecida, foi impulsionada por uma elite ilustrada que se afastou do movimento ao perceber que o mesmo passara a ser controlado por populares.

Mesmo que não tivesse um projeto amplo de emancipação, essa revolta, ao contrário da anterior, teve grande importância ao tocar diretamente na questão da escravidão – um dilema que ainda perduraria por um bom tempo em nossa história.

A REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA (1817)



Por fim, em 1817, observamos uma última rebelião que se desenvolveu na capitania de Pernambuco, já conhecida pelo desenvolvimento de diversas situações anteriores de enfrentamento.

AS MAÇÔNICAS REVOLUÇÕES SEPARATISTAS

Na chamada “Revolução Pernambucana”, temos em evidência o discurso maçônico-iluminista e o socialismo utópico fundamentando a ideologia de uma população desgastada com os altos impostos a serem pagos e as oscilações econômicas que marcavam o lugar. Mais uma vez, a reprimenda imediata e violenta das Cortes Portuguesas impediu o fortalecimento da situação de conflito.

A conclusão disso tudo é que todo aquele movimento intelectual do final do século XVII que, simultaneamente, teve começo na Inglaterra e na França, e que no início do século seguinte já se estendia por toda a Europa e as Américas, não teria alcançado os seus objetivos se lhe tivesse faltado o agente transmissor que, junto aos povos, vulgarizasse as novas ideias. E esse agente foi a Maçonaria¹⁰.

Então, mediante o exposto e após tomarmos conhecimento dos fatos que serão relatados a seguir, não restará mais nenhuma dúvida de que os movimentos de Minas Gerais em 1789 e da Bahia em 1798 foram tratados no seio das associações secretas. E o movimento de Pernambuco (1817) foi ainda consequência direta do trabalho das Lojas Maçônicas, já espalhadas por todo o Brasil¹¹.

Desvende mais sobre a “**Maçônica História do Brasil**” em geral; e sobre cada um desses movimentos em particular nos nossos próximos trabalhos...



Acesse outros trabalhos do autor:

<https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>

¹⁰ GOMES (1975, p.13).

¹¹ BARROSO (1939, p.258-259).

BIBLIOGRAFIA

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras: a Ação da Maçonaria Brasileira (1870 – 1910)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

BARATA, Alexandre Mansur. **Discutindo a Sociabilidade Moderna: o Caso da Maçonaria**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

BARRETO, Jorge Muniz. **A Maçonaria Respondendo aos Desejos dos Brasileiros e Culminando na Independência do Brasil**. Florianópolis, SC: Informativo JB News – Inform. nº 1807. Disponível em: < http://www.ibnews33.com.br/informativos/jb_news-informativo_nr_1807.pdf >. Acessado em 18/10/2015.

BARROSO, Gustavo. **História Secreta do Brasil**. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1939.

CORDEIRO, Vital Lopes **A Influência Política da Maçonaria no Período Pré-independência do Brasil**. Brasília, DF: Curso de Especialização em Instituições e Processos Políticos do Legislativo do Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados, 2008.

FAGUNDES, Morivalde Calvet. **A Maçonaria e as Forças Secretas da Revolução**. 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Aurora, 1975.

GOMES, Manoel. **A Maçonaria na História do Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Aurora, 1975.

GONÇALVES, Thiago Werneck. **Periodismo Maçônico e Cultura Política na Corte Imperial Brasileira (1871-1874)**. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense/Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2012.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. **Maçonaria**. In: VAINFAS, Ronaldo. Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889). Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2008.

SPOLADORE, Hércule. **O Areópago de Itambé e sua Influência nas Revoluções Brasileiras**. Florianópolis, SC: in: Informativo Diário JB News - Informativo nº 1837. Disponível em: < http://www.ibnews33.com.br/informativos/jb_news-informativo_nr_1837.pdf >. Acessado em: 15/10/2015.

SPOLADORE, Hércule. **A República: Como Foi Proclamada**. Florianópolis, SC: Informativo JB News – Inform. nº 1615. Disponível: < http://www.ibnews33.com.br/informativos/jb_news-informativo_nr_1615.pdf >. Acessado em: 15/03/2015.